

Capítulo I

Cornélio Santos Dias de Pentecostes, caixeiro-viajante de profissão, entrou no Topázio com o ar satisfeito das tardes de amor clandestino. Pediu uma limonada ao balcão e foi sentar-se a uma mesa na esplanada aberta para a praça. A tarde pusera-se amena e dos cumes nevados da cordilheira dos Grábios soprava a brisa fresca que nos meses primaveris amainava o clima avesso de Santa Cruz dos Mártires. Estava consolado, o caixeiro-viajante, podia ver-se-lhe nos olhos acabados de amar, e, não fosse uma moinha num dente, que desde a véspera o aporrinhava, poderia dizer-se o mais ditoso dos homens. Chegara no vapor do meio-dia, que só naquele instante, cinco e meia da tarde, dava sinal de partida, mas apenas agora subira à cidade. Visitara Lídia de Jesus, a bela mestiça a quem um misterioso abastado montara casa afastada da povoação, onde vivia sozinha a maior parte do tempo, e só parara no Topázio por uma segura que lhe dera, antes de se fazer a casa para beijar a mulher e os quatro filhos que em três barrigadas lhe fizera e havia cinco meses e meio não via. A profissão desculpava-lhe as prolongadas ausências, e estas justificavam-lhe o vício contra o qual sabia inglórias todas as lutas. Era com elaborado engenho que mantinha uma vida múltipla, conjugando afectos em todas as províncias do Norte, onde tinha mulheres aguardando-lhe o regresso. A solidão e a lonjura entre as cidades amparavam-lhe os pretextos. Não no caso de Lídia de Jesus... Lembrou-se das palavras sábias do velho Sérgio de Niã Côco, que sempre o advertira:

— *Se não queres sarilhos com mulheres, começa por nunca ter duas na mesma terra.*

Sabia-o. Procurara sempre ter esse cuidado. Mas a fraqueza da carne é tanta que um homem, por vezes, até desafia a morte por dez minutos de felicidade. E, pensando no sujeito que lhe montara casa e a sustentava, comentou para consigo:

— E o Cornélio sou eu! — num sorriso fungado que lhe saiu feito brisa do peito feliz.

A limonada chegou presta, granizada, assistida por umas pevides salgadas. Era um homem afortunado, Cornélio de Pentecostes. E a tal ponto de bem com a vida e consigo mesmo, que não reparara sequer nas portas e janelas fechadas por toda a cidade, na praga de moscas zumbindo por onde havia espaço, nem na pestilência que enchia o ar de Santa Cruz dos Mártires. A brisa dos Grábios e a felicidade que trazia no corpo, por estar de volta e amado, faziam-no sentir o cheiro doce das amendoeiras da Palestina que cobriam a praça de flores. O cheiro das amendoeiras tardias trazia-lhe sempre a lembrança de Rosa Cabrera. Mas Rosa Cabrera era uma outra história.

Como era bela a vida! — pensava, levando uma pevide aos dentes. De um trago apagou metade da limonada. Prazer breve, que logo uma guinada o acordou para a mortalidade. Maldito dente! Bebeu o resto, para o outro lado, mais devagar, menos prazeroso. A dor acalmara, a sede acalmara, e o céu, todo ele, era de um anil tão profundo como se o oceano já ali. Que mais poderia ele pedir a Deus? — sorria, quando um véu de sombra lhe esbateu a luz dos olhos.

— Senhor Cornélio de Pentecostes?

— Sim!?

— Chamo-me Tordesílio Mata Mãe.

O nome não lhe dizia nada, mas fez sinal ao homem para se sentar.

— Não carece. Serei breve. Fui contratado para o matar.

Cornélio estremeceu.

— Quê?

— Fui pago para lhe despachar a alma — reformulou a figura de negro vestida, barba cerrada, chapéu e botas de montador.

— Mas... Quem é que o mandou?

— Alguém contra quem só o poder de Deus se pode levantar!

O caixeiro-viajante sentiu um risco de suor formar-se-lhe na fronte. E, porque uma alma aparvalhada exclama aparvalhadas coisas, perguntou:

— E vai matar-me agora?

— Dependerá de si.

As palavras do matador provocaram-lhe um breve alívio.

— De mim?!

— Conforme corra o trato!

— O trato?! — ia repetindo Cornélio, incapaz de pensar. A dor no dente irradiara à face toda.

— Quero acertar consigo alguns detalhes.

O caixeiro-viajante limpou a testa, respirou fundo.

— Quer dizer que pode não me matar?

— Pelo menos para já!

Os olhos de Cornélio arregalaram-se na direcção da sombra.

— Deram-me um mês para cumprir o serviço. Mas dei consigo ao fim de dez dias! Pretendo saber quanto está disposto a pagar pelo tempo que lhe resta?

Cornélio estava incrédulo. Por baixo da mesa beliscou a perna. Mal sentiu o trilhar. As palavras colavam-se à garganta seca.

— Diga-me: quanto está disposto a pagar para lhe prolongar a vida por mais três semanas?

— Quer vender-me dias que me pertencem, é isso?

— Não. Quero vender-lhe dias que me pertencem a mim — esclareceu o sicário, afastando o casaco que ocultava o cabo enorme de um revólver. — Por isso, pergunto-lhe, pela última vez: quanto está disposto a largar para andar por cá mais uns dias?

— Mas eu não tenho nada! — tornou o caixeiro-viajante, em jeito de súplica.

— Alguma coisa há-de ter. Mas se acha que a sua vida não vale tudo quanto tem... Afinal, de que lhe serve guardar coisas se não vai poder fazer uso delas?

Cornélio sentiu o Inverno nos ossos.

— Escute, senhor Mata Mãe, eu sou um homem honrado, deve haver algum engano.

— Nenhum engano, senhor Pentecostes. Até os homens honrados têm uma razão e uma hora para morrer.

— Sou um homem casado, pai de quatro filhos — titubeou Cornélio, na desculpa irreflectida dos que parecem entender serem mais dignos de morte os defamiliados do mundo.

— Isso não são contas do meu rosário. Quem cá fica sempre se arranja.

O interior do caixeiro-viajante era um bote chapado pelas ondas. Só poderia ser uma brincadeira. Talvez um susto. Era isso, um susto! Alguém que lhe queria meter medo. Não podia ser verdade. Não podia! Sentia-se como se o doutor Carringuês lhe houvesse anunciado uma doença terminal para a qual a ciência não desencantara ainda cura.

— E tenho de lhe responder quando? — atreveu-se.

— Agora.

Cornélio não sabia o que dizer. E, de todas as imbecilidades que lhe podiam sair, atirou:

— Eu posso denunciá-lo ao sargento!

— Essa ameaça acabou de lhe encurtar a vida para metade, senhor Pentecostes.

— Quê?

— Não sou homem de ceder a chantagens. E gosto pouco de ameaças. Se continua a cantar grosso para o meu lado, garanto-lhe que não volta a erguer os fundilhos dessa cadeira. O senhor faça aquilo que bem entender, mas de uma coisa pode estar certo, quanto mais almas derem fé deste assunto, mais se lhe encurtarão os dias.

Cornélio tinha no rosto a palidez dos finados. A língua encortiçara-se-lhe e o amargor do limão espalhara-se ao corpo todo.

— Mas como não sou homem de perder dinheiro, não aceito, por cada dia que lhe poupo, menos de cem mil *cádos*¹.

Os olhos de Cornélio tremiam, rasos de medo e de incredulidade.

— Mas eu não tenho esse dinheiro!

— Bem, nesse caso... — insinuou o assassino, levando a mão ao cabo do revólver.

— Não! Espere! Quero dizer, não lhe consigo dar esse dinheiro de um dia para o outro. Preciso de tempo.

— Amanhã, quando os sinos estiverem a dobrar as seis da tarde, deverá deixar na igreja, atrás da pia baptismal, um envelope fechado com cem mil *cádos*. E assim até ao último dia. O resto deixe por minha conta.

Cornélio emudecera. A cabeça toda era um dente dorido. Enjoava; o estômago feito numa moela subia-lhe à garganta. Não era possível o que lhe estava a acontecer! Não havia dez minutos era o homem mais feliz à face da terra e agora estava a contar as horas de vida pelo bater do coração. De certa forma sentia estar já morto. Pelo menos de medo. Não tinha outro remédio. Acenou que sim com a cabeça. E, como quem tenta negociar com uma mão cheia de duques, perguntou:

— E a minha família?

— Não mato mulheres nem crianças. Além de que o meu negócio é consigo — disse o matador, acendendo um cigarro, acrescentando: — Não se aflija. Se fizer tudo como lhe digo, vai ver que morrer não custa nada.

— Como é que sabe?

— Porque já matei muita gente.

Cornélio engoliu em seco. Quis ainda dizer algo, rogar, pedir ajuda... Ficou-se pela inércia que paralisa os bichos nos momentos de terror.

— Aviso-o apenas de mais uma coisa. Não pense sequer em fugir. Tenho um faro apurado. Iria atrás de si feito uma matilha de cães. E, quando o achasse, haveria de rezar para tê-lo eu matado neste preciso instante. Quem lhe encomendou a alma tem poder de o mandar matar mil vezes, onde quer que se esconda. De modo que, aconteça o que acontecer, daqui a uma semana e meia será um homem morto. E agora passe bem e aproveite, que a vida são dez dias! — sorriu Tordesílio Mata Mãe, levando a mão ao chapéu em jeito de cortesia.

Cornélio ficou sentado, sem reacção, vendo o assassino afastar-se, todo de negro, enorme, para as bandas da Alcaidaria. Na rua, pouca gente; no horizonte, pouca luz, e, no peito, um medonho desamparo de fé. Um cheiro a morte, a podre, sobrepunha-se agora às amendoeiras em flor. O véu de sombra que o matador trouxera consigo envolvia tudo, e a tarde, que nascera bela, desfigurara-se de repente.